

4

O livro didático de inglês como língua estrangeira

Em todos os sentidos, o que será que será?

(Chico Buarque, In.: **Que será, que será?**)

Neste capítulo, com base em autores que atuam nas áreas de Educação e de Linguística Aplicada, apresento definições de livro didático de inglês como língua estrangeira e discuto as complexidades inerentes a esse material de ensino e às tentativas de se defini-lo. Também defendo que o livro didático de inglês é um gênero discursivo, e mostro como acontece o processo de sua produção. Além de tecer comentários sobre como esse material de ensino é considerado em pesquisas e no discurso acadêmico, também enfatizo a importância do livro didático de inglês na sociedade referindo-me a aspectos políticos, econômicos, culturais e pedagógicos. Tal importância mostra que esse material didático pode ser visto como um objeto de representação (Sá, 1998), afirmação que procuro comprovar com esse estudo, e apresento minhas reflexões a esse respeito.

4.1. Definições de livro didático

Várias definições de livros didáticos de inglês foram elaboradas, e elas não parecem completas, pois cada tentativa reflete apenas algumas facetas desse material, nem sempre abrangendo toda a sua complexidade.

Em minha pesquisa de mestrado (Silva, 1998), considerei que o livro didático de inglês é um entre muitos materiais de ensino, tais como CD, mapas, cartazes, vídeos, softwares, dentre outros. O livro didático foi definido, naquela ocasião, como o livro possuído e utilizado pelo aluno e pelo professor e que, via de regra, é seguido sistematicamente como base do curso ministrado. Essa definição tenta abarcar aspectos do uso do livro didático de inglês, ressaltando quem o usa (o aluno e o professor), como é usado (sistematicamente), e para que é usado (como base do curso). Entretanto, essa mesma definição não considera a multiplicidade de agentes envolvidos no processo iniciado na sua concepção e que se estende até o descarte do material pelo professor e pelo aluno (Choppin, 2004). Assim, não aparecem, nessa definição, o trabalho do editor, e de pessoas relacionadas ao *design*, à divulgação, e à comercialização do livro didático (Clark,

1999). Quando dessa definição, aspectos pedagógicos eram exclusivamente a preocupação acadêmica que motivara meu estudo de livros didáticos.

O mesmo acontece com outras definições que, apesar de focalizarem outros aspectos importantes além do uso, deixam de considerar questões relevantes. Tomlinson (1998) define esse mesmo material como o livro que provê o máximo de materiais importantes para um curso. Delineado para ser único, na concepção desse autor, o livro didático de inglês deve incluir conteúdos de gramática, vocabulário, funções da linguagem, trabalhos com as habilidades (ler, ouvir, falar e escrever). Nessa definição de Tomlinson, aspectos da produção do livro didático são mais enfatizados, pois ele é delineado ou produzido para ser esse material único, deve prover materiais de ensino e aprendizagem, incluindo conteúdo. Sobre o uso, porém, o autor apenas sugere que ele pode ser único, não necessariamente considerando a co-existência de outros livros de referência ou complementares. Além disso, outros materiais que hoje em dia são parte integrante de um livro didático de inglês, como CD, encartes, portfólios, livros de atividades, CD-ROM também não são mencionados, ou teriam sido tomados como certos de existirem com o livro didático.

A definição de Littlejohn (1992), de que o livro didático de inglês é o principal material de um curso desta língua, frequentemente existindo em pacote com outros materiais (os mesmos elencados no parágrafo anterior), consegue abarcar questões relacionadas à produção e ao uso desse material. Atualmente, ele é produzido em conjunto com outros materiais que o acompanham, seus satélites (Chopin, 1992 apud Batista, 2009), e para ser usado como o principal material didático nas aulas. Littlejohn aproxima-se do que diz Tomlinson (1999), mas ambos autores não esclarecem se o livro é usado tanto por professores quanto por alunos, ou apenas pelos professores, que podem ter suas práticas orientadas por um livro de referência, que não seja, necessariamente, compartilhado com os alunos.

Essas definições são exemplos da complexidade que envolve uma definição de livro didático de inglês e também da sua relevância no meio pedagógico. As definições, por mais amplas que possam ser, parecem não conseguir abranger toda a complexidade inerente a tal material didático, pois ele, enquanto gênero discursivo (ver mais adiante neste capítulo), é relativamente estável (Bakhtin, 2003), seus exemplares podem ter singularidades, e uma estrutura esquemática

(Hasan, 1989) parece existir. Também, ao longo da história o livro didático de inglês tem sofrido modificações, como percebo na descrição histórica feita por Paiva (2009), em decorrência às diferentes abordagens de ensino e aprendizagem de língua, e ainda devido às diferentes tecnologias disponíveis em determinadas épocas e contextos. A história mostra que livros didáticos, em geral, nem sempre foram apenas aqueles como os conhecidos atualmente, impressos e encadernados (Batista, 2009), e recentemente, livros didáticos tem sido produzidos e divulgados em meio eletrônico (Paiva, 2009).

Os livros didáticos de inglês, da mesma forma que outros materiais, são objetos em sua materialidade física, que necessitam da ação humana para terem sua finalidade didática evidenciada (Fiscarelli, 2008). Neste sentido, definir o livro didático de inglês, referir-se a ele, às suas vantagens e desvantagens, ou ao seu uso, são ações inter-relacionadas e ao mesmo tempo dependentes da forma como os sujeitos criam significados em torno deste material. Estes significados, como dito nesta tese, são construídos de acordo com o contexto em que esses sujeitos se inserem.

Sendo assim, neste estudo defendo que o livro didático de inglês, da mesma maneira como os de outras disciplinas, tem uma relevância que extrapola o contexto pedagógico. Ele pertence a este contexto, sem dúvida, pois é um material delineado para ser usado em situações de ensino, mas o livro didático tem também importância política, econômica, cultural, além da importância pedagógica, todas elas, como dito acima, fruto da ação humana de produzir significados. Há de se considerar ainda que o livro didático de inglês é um gênero discursivo pouco estudado como tal, e a seguir apresento razões para essa consideração.

4.2. O livro didático enquanto gênero discursivo

Alguns trabalhos acadêmicos recentes têm recorrido à definição de gênero secundário de Bakhtin para definir o livro didático de línguas (aqui mais especificamente o livro didático de inglês como língua estrangeira). Como tal, ele absorve vários gêneros, e provê o usuário com uma gama de textos diferenciados, o que pode ser compreendido como uma tarefa desse gênero. Como exemplos de trabalhos dessa natureza podem ser mencionados Hemais (2009), Cavichioli, Pinto & Richter (2007), Lähdesmäki (2007), Silva (2006), Tílio (2006), Cruz

(2004), dentre outros. Mas, em termos sistêmico-funcionais, o livro didático de inglês pode ser definido como um macro-gênero, isto é, formado e constituído por textos exemplares de outros gêneros.

Assim sendo, ao ser incorporado num livro didático, um texto exemplar de outro gênero (cartão postal, formulário, artigo de jornal, história em quadrinhos) sofre uma transmutação (Bakhtin, 2003), isto é, ele adquire um caráter distinto daquele que originalmente lhe foi conferido. Esse texto não está mais vinculado ao contexto em que foi produzido originalmente, mas a outro contexto, tendo também outro objetivo: inserido no discurso e no contexto pedagógico através de sua inserção no livro didático, esse texto passa a ter o objetivo de ensinar um aspecto linguístico ou ilustrar um tópico para discussão, ou ainda promover aprimoramento de uma habilidade linguística (Hemais, 2009). Ademais, a relação com o receptor é alterada. Alunos e professores, novos receptores, tem em primeiro plano os objetivos pedagógicos, e são receptores diferentes dos originalmente pensados quando da produção desse exemplar de gênero. Um texto destinado a adolescentes femininas, por exemplo, será modificado, e lido também por adultos e ou adolescentes masculinos (Lähdesmäki, 2007).

Outras modificações acontecem para tornar um texto mais didático, de modo a adequá-lo ao discurso pedagógico, como a numeração de linhas ou parágrafos, a substituição de itens lexicais e estruturas por outras mais adequadas ao nível de proficiência e à cultura dos alunos usuários. Mas a presença de outros gêneros ali inseridos é apenas um dos elementos que compõem o livro didático de língua estrangeira.

Enquanto gênero secundário, o livro didático passa por processos formais e complexos de produção e circulação e que podem ser atestados pela menção, em capas e quartas capas, de nomes de autores e caracterização de público-alvo, agradecimentos por parte de autores e editores no verso da capa ou em outra parte do livro, o *copyright* de autores e ou editores, nome da editora, e código de identificação e legitimação (Cruz, 2004). Esses elementos são também considerados, aqui, elementos de gêneros que circulam vinculados ao livro didático, como a quarta capa, ou a apresentação do livro no manual do professor (ver capítulos adiante). Outros elementos caracterizadores do gênero livro didático de inglês como língua estrangeira mencionados por Cruz (2004) são: formas

imperativas de instrução, imagens, e outros elementos iconográficos, utilização de exemplos, gradação de conteúdo.

Para Johns (1997), o livro-texto em geral (que se assemelha e às vezes se iguala ao livro didático de inglês como língua estrangeira), como todo gênero, é motivado por várias forças, e uma delas é o possível leitor-alvo, ou “audiência”. Mencionando John Swales (1995 apud Johns, 1997), a autora diz que os editores se esforçam para elaborar uma capa que seja compreensível para o aluno (consumidor usuário final), mas, que na verdade, é direcionada aos professores, profissionais que avaliam os livros, que recorrem a catálogos e a representantes ou a consultores de editoras, e vão a apresentações de livros (Coracini, 1999), decidem sobre a adoção ou não de um material. Assim, os autores e os editores estabelecem um diálogo com o professor, não com o aluno. O mesmo procedimento parece ser válido quando se consideram livros didáticos de inglês como língua estrangeira, embora nem sempre os livros sejam escolhidos pelo professor. Às vezes ele pode já ter sido escolhido por coordenadores, por outros professores que já o utilizaram anteriormente em outros estabelecimentos.

O livro didático, como outros gêneros, tem caráter dinâmico, pois está sempre sujeito a alterações, uma vez que o conhecimento ali veiculado não é definitivo (Souza, 1999), e passa por reformulações ao longo da história. Considero, por exemplo, as várias re-edições de coleções didáticas com o epíteto “New”: *New English File*, *New Ace*, *New Framework*, *New American Inside Out*, alguns livros sobre os quais foi feita a pesquisa relatada nesta tese. As concepções de língua, de ensino e de aprendizagem em vigor numa época fazem com que os materiais produzidos tenham determinadas características: mais, ou menos ilustrações, cores, tipos diferentes de exercícios de acordo com a orientação da aprendizagem, textos inventados, reais, ou adaptados, conteúdo focado em perspectiva mais formal e estruturalista ou mais funcional e nocional (Paiva, 2009). Os livros didáticos de inglês produzidos há tempos atrás tinham padrões de produção bem distintos dos mais recentes, devido não apenas aos avanços tecnológicos atuais que permitem a inserção de imagens e de mídias, mas também em função de mudanças e de novas pesquisas na área de ensino-aprendizagem de línguas. Muito de diferente ocorreu nas práticas pedagógicas de professores com o advento da abordagem comunicativa no ensino de línguas, o que fez com que muitos deles incorporassem novos conteúdos e novas formas de ensinar às suas

aulas por terem sido veiculadas pelos livros didáticos utilizados. Sendo assim, o livro didático de inglês tem sido um agente transformador da prática pedagógica (Hutchinson & Torres, 1994). Mais recentemente, são esperadas novas mudanças nos livros didáticos de inglês produzidos no Brasil, pois com a inserção dessa disciplina no Programa Nacional do Livro Didático deve fazer com que sejam contemplados aspectos considerados importantes e que são critérios para a submissão e inclusão dos livros no programa, a exemplo do que aconteceu com livros de língua portuguesa e de outras disciplinas.

Esse caráter dinâmico do gênero discursivo livro didático de inglês é também previsto na teoria de gêneros adotada nesta tese. O gênero pertence a um contexto de cultura, e mudanças nas atividades em uma cultura geram mudanças nos gêneros, e consequentemente no uso que se faz da linguagem neste gênero. Como dito em Silva (1998) e em Hutchinson & Torres (1994), atualmente é difícil encontrar uma situação de ensino e aprendizagem de língua inglesa em que um livro didático (ou partes dele) não seja usado. Como já dito neste estudo, mesmo que não se adote um livro didático, é a esse material que o professor muitas vezes recorre para orientar seu trabalho – ele então regula as práticas desses profissionais, ainda que os alunos não o tenham em mãos.

O livro didático de inglês como língua estrangeira é um processo social organizado em estágios de realização de um propósito comunicativo – ensinar inglês (Eggins & Martin, 1996), pertence a uma cultura educacional (Halliday [1991], 2007). Sua organização faz com que novos desdobramentos e objetivos distintos possam ser percebidos em cada unidade, ou em cada página, em cada seção ou atividade sugerida, isto é, a cada um desses estágios de realização de um propósito. Muitas vezes essa organização caracteriza-se por uma regularidade e padronização, e os conteúdos são postos ali de maneira muito semelhante (Littlejohn, 1992; Tílio, 2006).

4.3. Estudos sobre o livro didático de inglês como língua estrangeira

O livro didático em geral vem sendo objeto de maior interesse para pesquisadores nos últimos 30 anos (Choppin, 2004) nas áreas de Educação e Linguística Aplicada. Na maioria, as pesquisas sobre livros didáticos analisam o seu conteúdo, ora ressaltando uma crítica de cunho ideológico-cultural, ora

ressaltando uma perspectiva didático-metodológica (Batista & Rojo, 2005; Choppin, 2004).

A ênfase em análise de conteúdos e na avaliação e seleção de livros didáticos parece ser uma forte tradição das pesquisas sobre livros didáticos no Brasil (Batista & Galvão, 2009). Uma consulta às informações sobre essas pesquisas na publicação coordenada de Fracalanza & Santoro (1989) mostra, com relação ao livro didático de línguas estrangeiras, que vinte trabalhos foram feitos no Brasil em 54 anos (1935-1989). Destes, dois são livros, sete são dissertações de mestrado, um é tese de doutorado, oito são trabalhos publicados em revistas, e dois são trabalhos apresentados em eventos. A maioria desses trabalhos tem foco em conteúdo ou método (13 trabalhos), os demais focalizam avaliação e seleção de materiais. Mesmo as publicações brasileiras sobre o livro didático de língua estrangeira após 1989, como as organizadas por Coracini (1999) e por Dias & Cristóvão (2009) ainda trazem, na sua maioria, trabalhos dessa natureza. Os estudos sobre livros didáticos de inglês são, em sua maioria, então, investigações sobre como algo é proposto para o ensino da língua ou como determinado aspecto cultural ou ideológico é tratado no livro didático. Em outras palavras, como esses tópicos estão presentes no ensino através dos livros didáticos. E essas análises normalmente mostram que aquilo que é proposto como inovador pelas pesquisas em Linguística Aplicada não são incluídas nos livros didáticos (Littlejohn, 1992).

Ainda é importante dizer que também há trabalhos (por exemplo, Cunningsworth, 1995; Dias, 2009; e Ramos, 2009) em que se intenciona dotar o docente de conhecimentos, procedimentos e estratégias de como avaliar e escolher livros didáticos de inglês. Nessas publicações em geral, e também naquelas em que o livro é criticado em termos ideológico-culturais ou didático-metodológicos, observo, como Coracini (1999), a preocupação da Linguística Aplicada com a construção de propostas consideradas inovadoras, na ilusão de que esse “novo” seja sempre assimilado pelo professor, e que ele traga transformação. Parece haver também a ilusão de que cabe ao estudioso dessa área prescrever o que deverá ser assimilado e posto em prática pelos professores, quando, na verdade, as editoras pouco investem em inovações para não correrem riscos de mercado, mantêm o mesmo padrão de produção e vendas (Clark, 1999; Littlejohn, 1992).

Em Silva (2010), também detectei que um número considerável de dissertações e teses sobre livros didáticos tem sido produzidas, entre 1998 e 2008,

nos programas de pós-graduação de universidades brasileiras (mais dissertações que teses). Também mostrei que muitos trabalhos foram apresentados nas duas primeiras edições do Simpósio sobre Livro Didático – Língua Materna e Língua Estrangeira (I SILID - 2007; II SILID/I SIMAR - 2008), segundo consta dos cadernos de resumos. No entanto, poucos artigos tem sido publicados em revistas acadêmicas importantes na área de Linguística Aplicada, ou de Educação (Silva, 2010; Batista & Rojo, 2005).

Entretanto, recentemente já há trabalhos desenvolvidos sobre o processo de produção e concepção por autores (como o de Soares, 2007), ou ainda a recepção e percepção de livros didáticos por parte dos alunos (McGrath, 2006; Nogueira, 2007; Xavier & Souza, 2008) e a relação dos professores com este material de ensino (Xavier & Urrio, 2006; McGrath, 2006). Alguns deles, como McGrath (2006), Xavier & Urrio (2006) e Xavier & Souza (2008), mencionam algumas representações do livro didático de inglês por alunos e professores. Contudo, McGrath (2006) não analisa o discurso espontâneo ou real ao pesquisar metáforas sobre os livros didáticos construídas por professores e alunos solicitando a eles que completem uma sentença: “O livro didático é...”. Xavier & Urrio (2006) e Xavier & Souza (2008), respectivamente, tratam das relações professor-livro didático de inglês e aluno-livro didático de inglês, envolvendo outros aspectos que não as representações, sendo elas apenas parte dessas investigações. Outros fatores envolvidos nos trabalhos de Xavier & Urrio (2006) e Xavier & Souza (2008) são a seleção do material, que tipo de material é usado em diferentes contextos, a satisfação de alunos e professores com relação ao material, aspectos relacionados à pertinência do material ao contexto de ensino. Enfim, estes trabalhos limitam-se a estudar o que os usuários pensam do livro didático, considerando sua importância pedagógica, não se pautam por uma teoria de representações como esta tese, e não tomam a análise do uso cotidiano da linguagem como forma sistemática de se chegar às representações. Também não encontrei, ao longo do processo de investigação, trabalhos em que seja considerado o discurso de produtores sobre os livros didáticos de inglês por eles produzidos, como faço aqui ao propor a análise de anúncios de catálogos, quartas capas e apresentações contidas nos manuais do professor.

Ainda são poucos os trabalhos de pesquisa que tem o livro didático como objeto de pesquisa, como os de Coracini (1999), Littlejohn, (1992), ou sobre a sua

utilização em sala de aula, como Consolo (1990) e Santos (1993), ou sobre a produção e a recepção desse material de ensino pelos atores sociais que com ele interagem, como muitos dos artigos publicados em Tomlinson (1999).

Nesta tese, como dito na Introdução, levo em conta a relevância do livro didático de inglês não só no contexto pedagógico, mas na sociedade como um todo, trato-o como objeto de representação, e procuro entender que conhecimentos sobre esse material de ensino são construídos no e pelo uso cotidiano da linguagem. Assim, há uma lacuna nos estudos sobre livros didáticos de inglês que visem ao discurso sobre tal material considerando tanto o que dizem seus produtores quanto seus usuários, e que enfatize as representações construídas sobre o livro didático de modo sistemático, tomando como base uma teoria de linguagem e uma teorização sobre representações. Neste sentido, esta tese pode contribuir para o preenchimento desta lacuna nos estudos sobre livros didáticos de inglês evidenciando as representações construídas sobre este material de ensino por seus produtores e usuários a partir da análise semântico-discursiva baseada na Linguística Sistêmico-Funcional, e de conhecimentos sobre representações nas áreas de Estudos Culturais e Psicologia Social.

Alguns pontos diferenciam minha tese de outros trabalhos, que de certa forma, apresentam também representações sobre o livro didático. Primeiramente, na consideração de que representações são conhecimentos práticos construídas no cotidiano e no uso da linguagem em diversas situações, e que regulam as práticas de pessoas que as compartilham (Jodelet, 1995). Para se chegar a tais representações, utilizo uma multiplicidade de textos exemplares de gêneros discursivos distintos produzidos e utilizados por produtores e usuários de livros didáticos de inglês (ref. Introdução e Capítulo 5). Assim, não me limito a considerar apenas definições do livro didático na análise discursiva dos textos de produtores, nem apenas respostas a perguntas do tipo “O que o livro didático representa para você?” (Xavier & Urió (2006) ou “Para mim, o livro didático é...” (McGrath, 2006). Isso significa também que em termos metodológicos analiso o discurso no uso cotidiano da língua, ou seja, ao se descrevê-lo, ao se apresentá-lo (produtores e usuários), ao se avaliá-lo (professores e alunos), ao se dizer sobre sua escolha, e ainda em se dizer o que ele representa para si (professores).

Não desconsidero a importância desses trabalhos, pois são necessários para o entendimento da prática pedagógica e da importância do livro didático nesse

contexto. Porém, defendo que também é relevante ir além do pedagógico e pensar o livro didático de inglês num contexto mais amplo. Ele é um produto da indústria cultural (Tílio, 2006), é uma mercadoria rentável, uma forma de expressão e de exercício de poder, tem importância social por mover mercados, promover melhorias, faz parte da cultura educacional, pode divulgar países, hábitos, manifestações artísticas e culturais, e pode até mesmo veicular preconceitos e estereótipos.

4.4. A produção de livros didáticos de inglês

A produção de livros didáticos de inglês não é diferente da produção de outros livros em geral. Como mostra Clark (1999), um editor, com interesse em uma determinada publicação geralmente negocia um contrato com um autor, e este terá seus originais lidos, revisados, e até mesmo modificados. Normalmente, este autor deve se enquadrar a um perfil definido pela editora (Littlejohn, 1992). Ao longo do processo de produção, *designers* e ilustradores tratam do formato, da aparência e da criação da obra. A produção física do objeto livro é responsabilidade de um departamento de produção, o qual compra materiais necessários, imprime, confecciona materiais de áudio e vídeo que compõem o livro didático, e outros materiais. Essa mercadoria livro didático é divulgada por profissionais de publicidade internos ou externos à editoria, os quais decidem, de acordo com o editor, as estratégias de promoção: o texto de quarta capa, o qual pode ser produzido pelo autor, pelo editor ou assistente, ou por um *free-lancer*; os catálogos, cuja preparação visa apresentar a editora, seus produtos e informar sobre eles de maneira clara; os eventos em que o livro será apresentado com ou sem a presença do autor; outros materiais impressos tais como panfletos, exemplares de unidades daquele livro didático, brindes para serem doados a professores tais como mapas, quadros e pôsteres. Finalmente, as vendas acontecem através de representantes, funcionários de editoras, que cobrem um território de atuação.

Os livros didáticos de inglês produzidos nos Estados Unidos e na Inglaterra tem como destino países diversos. Como se destinam a um público diversificado, esses livros globais (Tomlinson, 1999) privilegiam, em sua composição, a cultura e a variante linguística dos países em que são produzidos, e podem veicular

tópicos que, nos dizeres de Tílio (2006), podem ser considerados tradicionais, descontextualizados do meio em que se acontece o ensino, alienantes e legitimadores de uma identidade criada por estereótipos. Em síntese, isso mostra que o processo de produção desses livros didáticos globais não há a consideração da cultura local, suas peculiaridades culturais e dos seus sistemas educacionais.

Já os livros didáticos de inglês produzidos no Brasil por editoras nacionais e estrangeiras, que aqui se estabeleceram, são voltados para o ensino regular fundamental e médio, e ainda para determinados cursos de idiomas que produzem seus próprios livros didáticos. Neste caso, há mais consideração da cultura local, embora ainda existam as mesmas características, como detectado, por exemplo, por Tílio (2006), e Grigoletto (2003).

Tanto no exterior como no Brasil, a produção de livros didáticos concentra-se cada vez mais num grupo pequeno de editoras. No Brasil, como mostra Cassiano (2007), pequenas editoras foram incorporadas às grandes, inclusive a grupos internacionais, e novos grupos editoriais e de ensino surgiram mais recentemente. Na Inglaterra, por exemplo, o mesmo acontece, estando a produção de livros didáticos de inglês concentrada em cinco grandes grupos editoriais, dentre eles as duas maiores universidades daquele país (Clark, 1999).

Em decorrência disso, as editoras não mudam muito suas publicações, para não correrem riscos financeiros (Freitag et al., 1993; Clark, 1999; Littlejohn, 1992). Isso faz com que os livros didáticos sejam muito semelhantes entre si, com poucas inovações, reproduzindo tendências mercadológicas com vistas ao retorno financeiro, e um padrão social que se pauta por um controle do trabalho do professor e do aluno, requerendo do docente pouco treinamento ou pouca experiência profissional, e atribuindo ao aprendiz a tarefa de seguir as instruções dadas, com pouca voz a ele atribuída no planejamento (Littlejohn, 1992) e nas atividades (Tílio, 2006).

4.5. Importância do livro didático de inglês como língua estrangeira

4.5.1. Importância política

O livro é um veículo de comunicação em que conhecimentos e ideias são levadas a público, e é também um objeto que retrata uma cultura (Clark, 1999). O livro didático, mais especificamente, tem essa função, pois sendo ele uma

publicação tem como objetivo principal apresentar o conjunto de conhecimentos eleitos para serem ensinados numa determinada disciplina ou área do saber (Freitag et ali, 1993). Assim, o livro didático de línguas (materna ou estrangeira) é o recurso principal para estudantes e professores (Coracini, 1999; Clark, 1999).

De acordo com Souza (1999a), confere-se ao livro didático uma autoridade que o faz determinante de conteúdos, de metodologias e abordagens, de práticas em sala de aula, e de legitimação do conhecimento nele veiculado. Desse modo, ao livro detem o poder de auxiliar o professor, direcionar seu trabalho e o dos alunos, fornecer conteúdo, atividades e recursos. O poder do livro didático manifesta-se, nele próprio, na priorização do modo imperativo, e através do uso que se faz dele (Coracini, 1999; Souza, 1999a).

O uso do livro didático pode propiciar meios para o exercício de controles diversos sobre alunos, professores, práticas de ensino, pois seguir um livro didático pode significar que todos estarão trabalhando de maneira uniforme. O trecho a seguir, retirado de uma entrevista realizada para este estudo, comprova isso. Ao responder sobre o que o livro didático utilizado em seu contexto representa para si, RCC3 responde:

É porque a programação dele, quer dizer, toda a parte do teacher's guide é muito boa, dá uma boa orientação pro professor. A aula vem quase que pronta pro professor. Então a gente segue muito a orientação do teacher's guide, ele dá exemplos, ele tem toda uma parte de Grammar lá no próprio livro do aluno, o teacher's guide dá material photocopiable. Então eu acho que o livro é um — a organiza as coisas então unifica o trabalho, porque senão cada um dá, vai dar a matéria de um jeito. Aqui (...) tem que fazer prova todo mundo no mesmo dia. A prova tem que ser igual pra todos os grupos, são 12 turmas todas tem que fazer a mesma prova no mesmo dia. Então eu acho que todo mundo utilizando o mesmo material ajuda no sentido de unificar o trabalho, economizar tempo, ter um material pronto, ter um livro bom de apoio que é o teacher's guide, ter um livro de exercícios que a gente pode lançar mão pra eles fazerem um trabalho em casa, e só tirar dúvida em sala de aula. Lógico que é um recurso—eles—academicamente, e depois toda parte de conteúdo eu acho que eles são cuidadosos na hora de fazer a escolha dos tópicos. Então, se a gente tem uma coisa pronta elaborado por um pessoal que entende disso que dá conta desse recado, então por que não utilizar o livro didático, né? Eu penso assim.

Este trecho mostra que a uniformidade de trabalho é um desejo, e o livro didático de inglês é um instrumento que tem o poder de promover isso, objetivando essa uniformidade pretendida. Com o mesmo livro em mãos, espera-se que todos os professores trabalhem o mesmo conteúdo, alcancem a meta de ter

o conteúdo terminado na mesma época, e provavelmente utilizem os mesmos procedimentos de ensino em sala de aula. Este é apenas um exemplo do que a experiência tem mostrado a vários professores de inglês trabalhando em cursos de idiomas, em escolas particulares, e nos grandes sistemas privados de ensino. Nestes contextos, muitas vezes, o livro didático é o curso.

Mas o livro didático de inglês também tem sua importância política em termos mais amplos. Ele também é instrumento de poder através do qual um determinado país pode se mostrar aos outros de maneira idealizada e também interferir numa outra sociedade. É o caso dos livros didáticos de inglês globais (Tomlinson, 1999; Clark, 1999), produzidos, a princípio, para serem adotados em qualquer contexto de ensino. São estrategicamente importantes para os países produtores em lugares onde a língua inglesa não é falada (Clark, 1999). A exportação de livros didáticos de inglês pela Grã-Bretanha e Estados Unidos para outros países pode incluir, além dos livros, outros produtos tecnológicos, a contratação de professores e consultores para atuarem nesses países, as editoras podem vir a se fixar, criando locais ou pontos de apoio, companhias ou editoras locais, configurando, com isso, uma transferência institucional (Phillipson, 1992). Tudo isso pode contribuir para a repetição, nesses países, das instituições e práticas dos países em que a língua é falada.

Essa dominação política também pode estar vinculada ao que se transmite com o livro didático de inglês global. Estudos tem mostrado que a maioria desses livros divulgam uma imagem idealizada do país em que a língua é falada, uma sociedade harmônica, sem conflitos (Tílio, 2006). A cultura normalmente é mostrada através de estereótipos (Coracini & Peruchi, 2003). Enfim, é como se o livro didático servisse de cartão postal daquele país (Bolognini, 1991).

No Brasil, a importância política do livro didático em geral está ligada à política governamental para a Educação. Historicamente, é o governo brasileiro que influencia, direciona ou formula decisões sobre o livro didático em geral, controla sua qualidade (Freitag et alii, 1993; Batista & Rojo, 2005; Cassiano, 2007), já que é o maior comprador de livros didáticos atualmente¹. As editoras

¹ Historicamente porque, como mostrado por Freitag et al. (1993), as questões referentes ao livro didático estão intimamente ligadas às ações governamentais a ele direcionadas desde a década de 30, criando-se comissões de avaliações, programas assistenciais de distribuição, fundos e fundações para execução destes. Recentemente, o PNLD configura-se como um programa com recursos aplicados regularmente, e tem tido abrangência de atendimento cada vez maior.

procuram adequar os livros didáticos às normas, orientações e legislações educacionais vigentes para que possam ter seus produtos aprovados para a compra por parte do governo brasileiro para escolas públicas. Assim, atualmente, estar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros para o Ensino Fundamental, ou com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio é indispensável para que um livro seja aprovado e faça parte de uma lista a ser considerada pelos professores na escolha do material via Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ter seu livro incluído na referida listagem significa que ele teve sua qualidade atestada pela avaliação governamental, o que confere às editoras a chancela de que se valem para divulgarem seus livros junto aos professores da rede particular de ensino (Cassiano, 2007).

Porém, por razões não conhecidas, os livros didáticos de inglês e de outras línguas estrangeiras, não foram incluídos nesse programa até a publicação do Edital PNLD 2011 (Brasil, 2009).

4.5.2. Importância econômica

O livro didático, como toda mercadoria, movimenta recursos financeiros, gera lucros para seus produtores, está sujeito às leis de mercado e impulsiona empresas. Ele é concebido para uso e consumo, produzido, divulgado, comercializado, distribuído, avaliado e utilizado. No Brasil, por exemplo, gastos regulares com o Programa Nacional do Livro Didático mostram a intensidade da produção desse material de ensino, do qual o governo é o maior comprador e distribuidor para as escolas públicas (Cassiano, 2007). O livro didático é produzido por editoras cada vez maiores e em menor número (pois tem englobado empresas editoriais menores), as quais dominam o mercado tanto no Brasil como no exterior (Cassiano, 2007; Clark, 1999; Freitag et al., 1993).

O livro didático de inglês é responsável por 90% das exportações de livros na Grã-Bretanha, onde a produção desta mercadoria é predominantemente voltada à exportação para países europeus, América Latina, Ásia, e Oriente Médio. Nesses lugares, os livros serão comprados por ou para alunos de escolas particulares, públicas, cursos de idiomas, e universidades (Clark, 1999).

Como já foi dito, as editoras internacionais também tem estabelecido escritórios em outros países, tem neles promovido novas publicações, às vezes,

voltadas para o mercado interno destes países. É o caso, por exemplo, da produção de livros de inglês para a Educação Básica no Brasil por editoras como Macmillan, Longman / Pearson, Richmond². Assim, uma vez estabelecidas, as editoras não apenas divulgam e vendem produtos vindos de outros países, como também participam da produção local de materiais didáticos para o ensino de inglês, competindo com as editoras nacionais. Esses livros, no caso do Brasil, são escritos por autores brasileiros, algumas vezes em conjunto com autores estrangeiros nativos, procurando um padrão de produção próximo ao dos livros produzidos no exterior. O livro didático *New Ace* é um exemplo desses materiais.

O processo de produção, como já se viu neste capítulo, emprega vários profissionais, desde o editor e o autor até ilustradores, *designers*, operários de impressão e produção, divulgadores, representantes, e vendedores. Assim, livros didáticos de inglês também podem ser considerados responsáveis pela geração de empregos tanto em nível nacional como internacional, pela movimentação de parte da economia, e por isso também sua importância ultrapassa o contexto pedagógico.

Outra questão relevante é o fato de, em algumas escolas particulares e cursos de idiomas, o livro didático ser produzido pela própria instituição³ de ensino, o que tem se tornado comum no Brasil. Neste caso, o curso se iguala e se mescla à utilização do material exclusivo, e isso tem peso na divulgação da instituição. Alguns estabelecimentos transformaram-se em grandes sistemas de ensino propagando apostilas e materiais ali produzidos de forma exclusiva também a outros estabelecimentos, como mostrado por Cassiano (2007) e Carmagnani (1999). E isso reafirma a importância comercial que o livro didático tem na sociedade, pois é uma mercadoria de valor de troca que enriquece editores e burocratas (Freitag et al., 1993).

Em alguns contextos, a importância econômica, mais especificamente esse valor de troca, de um livro didático é percebida no fazer pedagógico. Não raro professores são questionados se não usará o livro didático adotado, pois alunos e pais esperam que o material comprado seja usado passo a passo pelo professor que

² Segundo informações de representantes, e também relatado em Cassiano (2007), a Editora Richmond fundiu-se à Editora Moderna, que atualmente faz parte do Grupo Santillana.

³ Dada a extensão desse trabalho, livros didáticos desse tipo não são considerados, mas podem ser objeto de estudos semelhantes no futuro.

o adotou (Souza, 1995). Qualquer modificação por parte do docente, ainda que pedagogicamente justificável, é muitas vezes estranhada e criticada por alunos, colegas, coordenadores, pais, e “obediência” ao material é muitas vezes justificada pelo fato de o livro ser caro, pelo fato de o aluno e/ou o pai terem pago por ele.

O trecho a seguir, retirado da entrevista com a professora MRDF5, mostra seu entendimento da necessidade de se usar o livro por causa dessas cobranças.

MR - Só que todo livro a gente num pode seguir só um livro. Eu sempre trabalhei em outras escolas com outros livros, mas não é só o livro. Mas eu sigo, porque, inclusive, se eu não seguir o livro, tem pais que reclamam.

R – Você tem essa realidade aqui de manhã?

MR – Tenho. Tem pai é os primeiros livros os meninos compraram e a escola pediu pra pra pra eles devolver, entendeu? Até nessa sala mesmo tem uma aluna que comprou o livro dela ela responde no próprio livro, entendeu? Mas é é o pai ele ele compra. Ah, num tá usando o livro! Se a P. der um livro e a gente não não fizer nada – dá pra tirar alguma coisa, né. A gente num pode querer – Além do mais, você vai ficar usando Xerox. Nem sempre dá pra todo mundo. A gente tem cota de tirar Xerox. Eu tenho a base, por exemplo, na outra escola, eu tenho 10 turmas, 300 cópias por mês. Num dá, né! Então, assim, esse livro pra mim é é um é uma grande ajuda.

(da entrevista com MRDF5)

No mesmo contexto, a professora CM5 relata que escolher usar esse livro também teve motivação em razões de cunho econômico, pois o livro havia sido comprado pelos alunos e pela escola.

R- Tá, e o que que levou à adoção desse livro?

C- Bem, primeiro, primeiro lugar foi isso, né, que a professora queria que tivesse uma continuidade, e outra porque aqui as condições pra gente adquirir um livro são muito difíceis, né. Os meninos não tem condições de comprar o livro, então a gente tem que aproveitar muito o que que está mais fácil pra escola, né. Então, na época, eu até não tinha mudado meu livro porque tinham muitos volumes aqui na biblioteca à disposição. E depois, já que eles compraram o livro à tarde, e tinha os livros aí disponíveis, então a gente achou melhor, né, optar pelo...

R- Tá, então esse livro foi comprado pela escola.

C- A escola comprou um número determinado de livros, então a gente utilizava.

R- Hum, hum, esses livros são emprestados pros alunos?

C- São emprestados. Assim, é, tem meninos que compram. Muitos até compraram o livro. Mas grande parte utiliza o livro de empréstimo da escola.

(da entrevista com CM5)

Nesse último trecho, CM5 conta que seria mais fácil adotar tal livro porque parte dos alunos já o haviam comprado, o que nem sempre é possível aos alunos dada sua condição econômica. Também haveria livro disponível já que a escola também havia adquirido um certo número de exemplares .

Atualmente, os livros didáticos de inglês são complementados e apoiados por outros materiais para uso em sala de aula ou extra-classe por professores e alunos. Isso teve início nos anos 1970 com a inclusão de fitas cassete, e foi expandido na década de 1980 a vários materiais e com a inclusão de outros materiais como fitas de vídeo, *slides*, livros de leitura graduada, originando os conjuntos integrados de materiais didáticos (Paiva, 2009). A partir de então, os livros didáticos passaram a ser uma coleção didática que inclui o livro do aluno para diferentes níveis de aprendizagem – o livro didático tradicional – o livro de exercícios, materiais de áudio (fitas cassete e CD), CD-ROM, livros de leitura adaptados, manual do professor com atividades extra, livro de atividades extra, vídeos, livros de atividades relacionadas aos vídeos, livros de atividades de pronúncia, *homepages*, quadros interativos, dentre outros. Todos esses materiais satélites (Choppin, 2004) agregam valor ao livro didático de inglês (Clark, 1999), tanto valor de troca quanto valor de uso para professores e alunos (Freitag et al., 1993). Por isso, esses materiais são sempre mostrados e descritos em catálogos, quartas capas e nas apresentações de manuais de professores, como será discutido nas análises discursivas de exemplares destes gêneros. Atualmente, falar do livro didático ou adotar um livro didático é o mesmo que se considerar toda uma coleção didática, um conjunto de materiais.

4.5.3. Importância cultural

Os aspectos políticos e econômicos mencionados anteriormente não deixam de ser reveladores da importância cultural do livro didático de inglês. Porém, há outras questões que merecem ser consideradas aqui.

Primeiramente o livro didático de inglês, como outros de línguas estrangeiras, pode ser o primeiro e, às vezes, o único meio de acesso do aluno e de professores ao conhecimento da língua e à cultura estrangeiras (Coracini, 1999). Isso é preocupante se pensarmos que os livros didáticos muitas vezes tornam-se o cartão-postal do país em que a língua é falada (Bolognini, 1991), e no caso de inglês, limitando-se a Estados Unidos e Inglaterra. Também é preocupante se a apresentação da cultura é limitada a características estereotipadas como tipos de alimentação, pontos turísticos, personalidades artísticas e históricas, ou nomes de lugares. Quando isso acontece, muito pouco ou nada se mostra de outros países

em que o inglês é primeira ou segunda língua, como Austrália, Nova Zelândia, países africanos e asiáticos (por exemplo, Nigéria, África do Sul, Filipinas e Índia).

Assim, o livro didático de inglês tem uma importância cultural ao ser veiculador da cultura de outros povos, o que contribui para o entendimento do “eu” e do “outro” no ensinar e aprender. Entretanto, é preciso cautela quanto ao que e como isso é veiculado, ou seja, se de maneira reducionista em que um país em específico é privilegiado, ou ainda se de maneira estereotipada, enfocando aspectos que fazem alguns países e o próprio livro didático algo mais atraente.

Além disso, nesta tese considero que o livro didático de inglês enquanto gênero discursivo, ou macro-gênero (Martin & Rose, 2006), pertence à cultura educacional (Halliday [1991] 2007). Assim, ele é um material de ensino que, como outros, está relacionado às atividades que acontecem neste meio, pois cultura é um “sistema de experiências com significados compartilhados” (Motta-Roth & Heberle, 2005, p.15).

A partir dele, e também por causa dele, outros gêneros discursivos se manifestam. No caso desta pesquisa, tem-se um conjunto de gêneros (Bazerman, 2006) – livro didático, catálogo, anúncios, quartas capas do livro didático, apresentação em manual do professor, e o próprio manual do professor, os quais são gêneros produzidos por pessoas pertencentes a uma editora responsável pela criação e concepção, circulação, e comercialização do livro didático. Estas pessoas também se responsabilizam pelo direcionamento do trabalho do professor dando orientações em manuais, muitas vezes em forma de comandos, convencendo-o dos aspectos positivos da coleção didática, colocando-o a par de novas produções didáticas complementares (dicionários, livros de referência, gramáticas, *websites*, material multimídia). Com isso, delineiam-se as ações de pessoas envolvidas no processo de produção de coleções didáticas: conceber a coleção (pode ser autor ou conjunto de autores ou partir da própria editora), divulgar (através de catálogos, conversas entre representantes e professores, apresentações em eventos), apresentar e descrever (através da quarta capa, da apresentação em manual do professor), direcionar o trabalho do professor para que as expectativas com relação ao material sejam comprovadas (através de orientações do manual de professor, sugestões de atividades extras, avaliações prontas).

A partir desses gêneros produzidos no meio editorial, outros são produzidos e utilizados na cultura educacional: um anúncio lido em catálogo de editora pode gerar uma conversa entre docentes e representantes de editoras; da mesma forma que uma apresentação da coleção por parte deste profissional pode levar à leitura das quartas capas nos livros da coleção e/ou da apresentação no manual do professor para conhecimento dos elementos e características do livro. Conversas entre professores e colegas que já adotaram esse material podem gerar discussão entre os profissionais visando a seleção e a adoção do material; além disso, acontece sua compra por parte de alunos (ou instituição ou intermediada por professor), aulas com esse material são ministradas, conversas com alunos sobre o livro adotado acontecem, assim como surgem novas atividades e novas avaliações com base nesse livro. Estas são atividades sociais e gêneros que envolvem o autor, o editor do livro, divulgadores, comerciantes, o professor usuário do material, outros profissionais da escola, e alunos.

E essas atividades e gêneros acontecem numa determinada ordem, ou seja, primeiro se tem um anúncio em catálogo surgido a partir de um livro didático produzido por uma instituição, depois as conversas com comerciantes e divulgadores, que precedem a adoção do material, que por sua vez gera discussões, conversas, análises nas instituições de ensino. Somente após a adoção o aluno tem contato com o livro, as aulas acontecerão (e a aula pode ser entendida como um gênero discursivo), conversas entre professores e entre alunos avaliando o material ocorrerão, e assim por diante.

Como se vê, portanto, o livro didático de inglês é o ponto de partida para que vários gêneros aconteçam como dito anteriormente. Também é a partir dele que os outros gêneros serão produzidos em atividades sociais relacionadas à sua presença de alguma forma, seja ela física, seja como tema de discussão, como produto comercializado ou como recurso de ensino e aprendizagem, ou ainda como um guia para o professor não compartilhado com o aluno.

Essa descrição mostra que o livro didático de inglês não apenas faz parte da cultura educacional, mas também que ele tem, nesta, uma importância fundamental por ser a partir dele que acontecem muitas atividades próprias desta cultura. Como já dito, o livro didático de inglês tem uma importância que ultrapassa a sala de aula, mas ele é produzido para ser usado ali, em última instância, e por isso é importante refletir sobre sua importância pedagógica.

4.5.4. Importância pedagógica

Quanto à relevância no contexto pedagógico, o livro didático em geral é visto como benéfico e necessário por uns, e como pernicioso por outros. Esta discussão extrapola os objetivos desta tese, mas é inegável que o livro didático de inglês, como os de outras disciplinas, está presente na maioria dos contextos de ensino, satisfazendo a necessidade de alunos e professores (Hutchinson & Torres, 1994). Ele é utilizado na escola de diversas maneiras, embora nem sempre tudo nele contido tenha sido produzido para fins pedagógicos (Batista, 2009). O professor pode usar um livro didático de inglês seguindo-o totalmente (fielmente), não usá-lo de maneira alguma ou ainda usá-lo parcialmente, de modo seletivo (Ur, 1996). Resta saber que uso o aluno faz do livro didático dentro e fora de sala de aula.

Fiscarelli (2008) mostra que os discursos produzidos na academia sobre materiais didáticos em geral (nos Manuais de didática), na política (Reforma Educacional Paulista), e na escola (professores) revelam que eles dinamizam a prática docente, tem papel de motivador da aprendizagem e estimulam a criatividade, concretizam conhecimentos, modernizam as práticas escolares, organizam conteúdos, reduzem o excesso de verbalismo dos professores, facilitam todo o processo de ensino e de aprendizagem. Nesse conjunto de materiais está o livro didático, e muitas dessas ações são mencionadas por profissionais do ensino de inglês que o defendem. Estas são algumas das representações encontradas nesta pesquisa como será exposto nos capítulos 6 e 7.

Por outro lado, aqueles que o criticam, tomam-no como inibidor da criatividade do professor, artificial e superficial, como portador de uma visão idealizada, conforme é dito nos trabalhos de Xavier & Souza (2008) e Ramos (2009), os quais mostram as duas visões: ser contra ou a favor do livro didático. Mas, ainda assim, como diz Coracini (1999), não usá-lo não o torna completamente ausente do processo de ensinar e de aprender, pois os procedimentos de professores que o dispensam não são diferentes daqueles contidos nos livros didáticos. Essa autora explica que os princípios norteadores e a concepção de aluno por ele veiculada já foi internalizada pelo professor. Esta autora também enfatiza que, muitas vezes, o livro didático é o único meio de acesso do aluno e também de professores ao conhecimento da língua e da cultura

de língua inglesa (Coracini, 1999). Assim, ele é um elemento que pode contribuir para o letramento das novas gerações, papel atribuído ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil pelos documentos oficiais recentes – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Orientações Curriculares Nacionais para Ensino Médio. Se ensinar uma língua estrangeira é contribuir para a formação da cidadania, do multiletramento, incluindo a multimodalidade, então o livro didático, na medida em que tem papel importante e presença constante no ensino de inglês, pode ser um elemento para tal promoção.

Outro fato importante do livro didático de inglês é a sua contribuição para a melhoria do ensino dessa língua. De maneira geral, Oliveira et al. (1984) dizem que o livro didático tornou-se um produto de primeira necessidade no mundo devido aos progressos do ensino. Mas, muitos dos progressos do ensino de inglês também são devidos aos livros didáticos que circulam ou circularam numa determinada época. Paiva (2009) mostra que, ao longo do tempo, novas tecnologias foram sendo agregadas aos livros didáticos, tais como fitas cassete, CDs e outros materiais. Isso, possivelmente, contribuiu para o desenvolvimento e para a facilitação do trabalho com habilidades orais, auxiliou na motivação de alunos e na diversificação das atividades. Inclusive a abordagem comunicativa do ensino de línguas ou outras abordagens de ensino são e foram divulgadas amplamente por livros didáticos considerados modelos de ensino em determinadas épocas. Enfim, isso significa que o livro didático tem um papel de transformador (Hutchinson & Torres, 1994) no ensino de inglês.

Como foi dito anteriormente, o livro didático de inglês está presente em inúmeros contextos de ensino em todo o mundo. Isso se deve, dentre outras razões já discutidas aqui (políticas, econômicas e culturais), à sua aceitação por parte de professores e alunos. Isso quer dizer que algo de importante é trazido para a sala de aula, podendo ser conteúdo, imagens, outros recursos materiais, possibilidades de acesso à língua, metodologia, organização e padronização, ou ainda tudo isso associado às facilitações promovidas por este material. E delinear essa importância é algo que depende de consideração do contexto sócio-econômico, político, cultural e educacional em que a situação de ensino e de aprendizagem acontece.

4.6. O livro didático de inglês como objeto de representações

Como já mencionado no início desta tese, a pergunta que a orienta é: Que representações do livro didático de inglês são construídas na sociedade a partir do discurso de seus produtores e de seus usuários? A proposta inclui a análise de elementos verbais e não verbais veiculados nos textos de divulgação e de apresentação desse material, tais como anúncios de catálogos de editoras, quarta capa do livro e apresentação deste em manuais do professor, além da análise semântico-discursiva da materialidade linguística presente em entrevistas com professores a respeito do livro didático que utilizam, e respostas de alunos a questionários sobre o livro. São esses os agentes sociais responsáveis pela produção e utilização do livro didático.

Entendo que tais agentes sociais constroem representações sobre esse objeto, porque ele é relevante na sociedade como um todo, incluindo a cultura educacional, e esta relevância, como diz Sá (1998), é inerente a um objeto de representação. Tal fato é comprovado pelo grande número de edições novas e reformulações lançadas a cada ano pelas editoras, e que mais recentemente aparecem com epítetos como *New*, *Third Edition*, *Super*, como mostram os catálogos das editoras utilizados nesta pesquisa, e os títulos de algumas obras didáticas.⁴ Além disso, grande parte do lucro do mercado editorial nacional e internacional deve-se à comercialização de livros didáticos em geral (Cassiano, 2007; Coracini, 1999; Clark, 1999). No Brasil, mais especificamente, o governo federal é o maior comprador de livros didáticos das diversas disciplinas, através do Programa Nacional do Livro Didático, que os distribui para escolas públicas, e que, através do processo de avaliação, controla sua produção ou a sua qualidade (Batista & Rojo, 2005; Souza, 1999b).

Na cultura educacional, a importância do livro didático de inglês pode ser comprovada pelo fato de ser este material elemento universal no ensino de inglês, sendo rara uma situação de ensino e de aprendizagem em que ele não esteja presente (Hutchinson & Torres, 1994). O livro didático tem sobrevivido ao longo dos anos e em meio a diferentes abordagens de ensino por satisfazer necessidades tanto de professores quanto de alunos, dentro ou fora da sala de aula (Silva, 1998; Hutchinson & Torres, 1994), promovendo organização, estruturação, seleção de

⁴ Sobre isso também, Silva (1998)

conteúdo para aqueles que o defendem, ou sendo criticado por ser artificial, limitador da criatividade, conservador e portador de ideologias de países dominadores.

Ainda relacionado ao contexto pedagógico, a relevância do livro didático de inglês é atestada por Santos (1993) ao dizer que este é o referencial base para o ensino da língua, principalmente em contexto brasileiro. Muitas vezes, é o único referencial concernente à língua estudada de que dispõem professores e alunos (Coracini, 1999).

De modo mais amplo, o livro didático de inglês ou coleções didáticas são propostos, em algumas instituições de ensino, como programas de curso. Acredito que esta é uma das idéias da concepção do próprio material, que é designado em inglês como *Course Book*, ou seja, o livro curso, aquele que (pro)move o curso. Conforme mencionei ao tratar das definições, o livro didático de inglês é concebido por muitos para ser usado sistematicamente como base do curso de inglês.

Esta em si é uma representação construída sobre o livro através de sua própria denominação em inglês (o curso), e que se faz presente nas ações educativas em muitos contextos de ensino⁵. Acrescento ainda que, cada vez mais, isso é reforçado pela produção de vários outros materiais pelas editoras com o intuito de acompanhar os volumes de algumas coleções didáticas. Esses outros materiais são os CD-ROM, livros com atividades de vídeo específicas para os temas e conteúdos daquela coleção, jogos, cartazes, cartões, portfólios, dentre outros.

Além disso, o livro didático de modo geral é veiculador de representações sociais. Mais especificamente com referência ao livro didático de línguas, ele veicula representações do país em que a língua é falada (Bolognini, 1991; Coracini & Peruchi, 2003), representações de povos (Grigoletto, 2003), dentre outras. Alguns trabalhos apresentados nas duas primeiras edições do Simpósio sobre Livros Didáticos de Língua Materna e Língua Estrangeira (I SILID e II SILID/ I SIMAR) e também citados em Silva (2010), investigam representações de diferenças entre povos e culturas, representações de gêneros (masculino e feminino), representações de grupos (homossexuais, por exemplo).

⁵ Isso é comprovado também pelas análises apresentadas no capítulos 6.

Em resumo, o livro didático de inglês como língua estrangeira é um objeto de representação dada sua relevância no contexto sócio-educacional. Conforme defendo nesta tese, sobre ele representações são construídas pelos seus produtores e usuários no uso cotidiano da linguagem. Isso revela como tal material de ensino é conhecido no universo do senso comum. Ao mesmo tempo, da mesma forma que outros livros didáticos de outras áreas, ele é um veículo por meio do qual circulam representações sociais de pessoas, eventos ou objetos.

4.7. Considerações finais do capítulo

O livro didático de inglês, assim como os livros didáticos em geral apresentam complexidades e definir esse material de maneira a dar conta de tais complexidades não é algo simples. Estas se revelam tanto por ser ele “um produto / mercadoria expresso no universo da indústria editorial”, quanto “um ingrediente do sistema de ensino” (Oliveira et al., 1984). Em termos discursivos, ele é um gênero que encampa outros gêneros, passa por modificações ao longo dos tempos, é um processo social organizado em estágios (as unidades, ou as atividades, ou as lições) em que são apresentados itens linguísticos, pragmáticos, culturais, eleitos para o ensino, e que pode promover interação e inserção de um indivíduo na comunidade discursiva dos usuários da língua inglesa. O livro didático de inglês também é visto neste estudo como objeto de relevância na sociedade tanto pelo fato de ser amplamente utilizado em diferentes contextos pedagógicos quanto por ser importante em termos políticos, econômicos e sociais. Apesar de tudo isso, estudos envolvendo o livro didático ainda priorizam, por tradição, a análise de conteúdo. Esses estudos são pouco divulgados na comunidade científico-acadêmica e, principalmente, para os professores e alunos que o utilizam no seu cotidiano.

Dada sua relevância, o livro didático de inglês é um objeto de representação, sobre o qual conhecimentos / representações são construídos no uso da linguagem no cotidiano social. Enquanto tal, este material está presente em várias atividades: ele é objeto divulgado e apresentado por seus produtores em anúncios de catálogos e quartas capas, bem como em introduções de manuais do professor. O livro didático é usado, por professores que também o avaliam, criticam, endossam, adaptam, ou o seguem fielmente. Os alunos, por sua vez, também usuários, são os

consumidores finais, aqueles a quem o livro didático se destina em última instância, pessoas que estudam o seu conteúdo, avaliam-no, fazem atividades de leitura, de escrita e de compreensão e produção oral a partir do que é nele veiculado. Todos esses atores sociais (produtores e usuários) descrevem o livro didático de inglês, apreciam-no, relatam seu uso, e se posicionam em relação a ele e ao que ele veicula.

No entanto, mostrei neste capítulo que este material didático de inglês ainda não foi estudado por este prisma, considerando o discurso de produtores e usuários. Ao contrário, os estudos, em sua maioria, centram-se nos aspectos pedagógicos presentes no próprio livro, ou nas relações que os seus usuários estabelecem com ele. Os discursos de produtores e usuários constituem o ponto central desta tese (capítulos 6 e 7). A partir da análise interpretativa desses discursos com base nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, apresento e nomeio as representações que são construídas na sociedade sobre esse material de ensino. Antes de apresentá-las, é preciso, porém, conhecer a metodologia que orienta este estudo, descrita no próximo capítulo.